

## Truffaut: “Não há cinema sem poesia e poesia sem moral”, 5 abr. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial  
*O Estado de S. Paulo*, 5 abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – Numa entrevista que deu a jornalistas e cineclubistas deste balneário, o diretor da *nouvelle vague* François Truffaut expôs alguns dos seus pontos de vista. Para possibilitar uma ideia mais objetiva da forma em que se desenvolveu o pensamento do cineasta, transcreveremos a seguir as perguntas e respostas, na ordem em que foram feitas.

Seria necessário ainda acrescentar – e lamentamos a impossibilidade de fazê-lo – toda a graça e habilidade com que Truffaut encontra sempre a palavra exata no momento exato para responder às perguntas talvez capciosas. O ex-virulento menino-prodígio dos *Cahiers du Cinéma* levanta-se rápido da cadeira, toma alento e em poucas palavras dá a resposta, graduando cuidadosamente o tom na frase de espírito.

A uma primeira pergunta, relacionada com o conteúdo poético e ético de seus filmes, Truffaut resumiu:

- Não há cinema sem poesia nem poesia sem moral.
- *Jules et Jim* é um filme moral?
- Sim, mas não tem nenhuma relação com a moral tradicional. É apenas a busca da moral, a moral em movimento, *Jules et Jim* é a história de um fracasso.
- Isso expõe a verdadeira moral moderna francesa?
- Não tive a intenção de fazer um filme moderno, pois a ação se situa no passado. O caso, porém, e não o problema, é moderno, pois me parece que o caso do casal (*couple*) é hoje novamente reformulado. *Jules et Jim* ilustra a procura de uma moral atual.
- Isto postularia uma moral futura?
- Não, pois é a história de um fracasso.
- Que entende por moral?
- Em *Jules et Jim* é a procura de uma norma de vida numa maneira de ser de acordo com si mesmo.
- Isto acrescenta algo de importante do ponto de vista cinematográfico?
- Não sei.
- Identifica-se com algum dos personagens do filme?
- Um pouco com cada um dos três.
- Qual a posição de *Les 400 coups* no conjunto de sua obra?
- Todos os meus filmes se completam. *Jules et Jim* é, de certa maneira, uma síntese de todas as demais.
- Teve intenções satíricas ao fazê-la?
- Não. A ideia era fazer uma película a mais inocente possível sobre uma situação a mais escabrosa.
- Não encontra contradição entre o sentimentalismo subjacente em seus filmes com as ideias que defendia nas críticas dos *Cahiers*?

- Não há contradição. Nunca fiz crítica intelectual nem filmes sentimentais.
  - Propõe-se a busca de um valor absoluto, transcendente aos personagens, quase uma moral religiosa?
  - Não. Trata-se de uma moral que é absoluta na medida em que é estética. Não trata de estabelecer compromissos, mas também é absoluta no sentido de que é impossível.
  - E a censura?
  - Molesta-me na medida em que molesta os menores de dezoito anos, entre os quais há muitos amantes do cinema.
  - Em *Jules et Jim* se diz, na conclusão, que “os precursores devem ser humildes”. Isto resume o filme?
  - Sim.
  - A orientação da *nouvelle vague* está comprometida com a política?
  - O cineasta se ocupa apenas do cinema francês. A vida política e social não tem nenhum papel nas obras dos jovens cineastas. Toda a obra de arte é antes de tudo abstrata.
  - Isto não é contraditório com o seu princípio da busca de uma nova moral?
  - Não há nada mais abstrato do que a moral. Todos os problemas possuem um tema e seria erro impor uma escolha.
  - Por que se irritou com o êxito de *Les 400 coups*?
  - Porque do entusiasmo participaram pessoas que nada tinham a ver com o cinema, como psicanalistas, educadores etc.
  - Mas se o cinema é dirigido para o público, como pode excluir do público os psicanalistas, os educadores etc.?
  - Não os excluí. É que, quando se deixa de falar num filme sob o ponto de vista cinematográfico, a discussão não concerne mais ao cineasta.
  - *Jules et Jim* é um canto à amizade ou à *ménage à trois*?
  - Nem um nem outro. É um filme sobre o fluir da existência e a morte.
- Após esta lição de objetividade, a entrevista terminou.

HERZOG, Vladimir. “Truffaut: ‘Não há cinema sem poesia e poesia sem moral’”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 abr. 1962, p. 12, c. 2.